

A torcida da inflação

JORNAL DE BRASÍLIA

Brazil

ALEXANDRE GARCIA

12 MAR 1996

Um pequeno empresário de Brasília contou-me ontem que, antes do real, produzia 60 quilos de pão de queijo por dia, seis empregados. Agora, com cinco empregados, está produzindo por dia 500 quilos de pão de queijo. Fica fácil descobrir que ele aumentou a produtividade de sua empresa em quase 10 vezes. Está feliz com o real, porque está ganhando muito dinheiro.

Quando eu estava construindo minha casa, em tempos de inflação, durante dois anos eu paguei a mão-de-obra exclusivamente com o rendimento do *overnight*. Um dinheiro que entrava em minha conta e, com ele, eu pagava os operários. Meu capital original não se alterava. O salário deles, sim. Durante o mês, eles iam perdendo o dinheiro com que eu lhes pagava. No trigésimo dia, já haviam perdido 40%. Onde estavam os 40% que eles perderam? Na minha conta! Foi assim que eu descobri a crueldade da inflação e a injusta distribuição de renda que ela promove. Quem trabalha, mas tem dinheiro aplicado, é quem perde. Quem tem dinheiro aplicado, mesmo que não trabalhe, é quem ganha.

Quando vejo certos empresários fajutos e conhecidos espartilhões políticos suspirarem de saudades da inflação e fazendo de tu-

do para torpedear o real, percebo perfeitamente o que eles querem e o que eles representam. Eles querem a volta dos tempos de promoção de maior injustiça social; querem voltar a ganhar dinheiro fácil sem trabalhar. São cruéis, insensíveis no seu egoísmo. Estão distantes do povo tanto quanto a ética costuma estar distante de suas consciências.

Na semana passada, uns amigos que iam de carro de Brasília ao Rio Grande do Sul compraram pamponha congelada no Jerivá - um lugar a meio caminho entre a capital e Goiânia. A vendedora, depois de fazer recomendações sobre a conservação na viagem, anotou o telefone deles. E três dias depois ligava, para saber notícias sobre o estado da pamponha. É uma nova mentalidade que se espalha, de respeito ao consumidor, por um lado, e de consciência do consumidor, por outro.

Será que essa consciência já chegou ao Congresso Nacional? Em geral, uma novidade no mundo desenvolvido levava de cinco a 10 anos para chegar ao Brasil. Agora, chega bem mais rápido, graças aos magotes de turistas brasileiros que invadem os Estados Unidos e voltam cheios de exemplos de respeito ao consumidor, ao eleitor, ao contribuinte. Enquanto o brasileiro se atualiza rapidamente, reage

rapidamente aos novos tempos sem inflação, muitos representantes políticos do brasileiro, dentro do Congresso Nacional, parecem viver ainda os tempos do Brasil antigo. Nem parece que viajam para suas bases nos fins de semana. Parece que vivem longe do país real - eles que deveriam ser os sensores da realidade popular.

Esse desconhecimento do país real faz com que percam a direção das coisas. Mas, às vezes, ele é somado à ausência de uma qualidade necessária ao político: a capacidade de ter uma visão estratégica do País, para construir o futuro no rumo desejado pelo povo. Como se não bastasse essas falhas, aparecem ainda questões pessoais, corporativas, ciúmeiras, que adquirem tamanho de questões de Estado. Tudo isso prejudica o País mas, pelo menos, tem alguma utilidade: o povo fica sabendo de que são feitos esses salários, para condená-los à extinção na próxima eleição. Para que os eleitores promovam essa seleção natural, basta submeter seus representantes à seguinte questão: criou mais problemas ou criou soluções?

■Alexandre Garcia é jornalista